

## A PRINCESA E A ERVILHA

Era uma vez um príncipe, herdeiro dum bonito reino, que queria casar, mas havia de ser com uma princesa verdadeira.

Para encontrar o que queria resolveu ir viajar; despediu-se dos pais e da corte, foi percorrer o mundo inteiro.

Mas, por mais que procurasse não encontrava o que queria. Princesas havia muitas, mas se eram verdadeiras ou não, isso é que ele não podia saber, porque havia sempre qualquer coisa que o deixava na dúvida.

Depois de percorrer o mundo, voltou muito desconsolado ao seu palácio, porque, desejando casar com uma princesa verdadeira, em parte nenhuma a pudera encontrar.

Uma noite, estava um terrível temporal; a chuva, os relâmpagos e os trovões faziam um efeito medonho.

Nisto bateram à porta do palácio com muita aflição, e o velho rei foi abrir.

Era uma princesa que procurava abrigo. Mas — Santo Deus! — em que estado se encontrava a pobre senhora, que a chuva desarranjara completamente! A água entrara-lhe pela cabeça e saía-lhe aos pés.

O rei ficou admirado, não queria acreditar no que lhe diziam mas a menina afirmou que era uma princesa verdadeira!

«Isso é o que nós amanhã vamos saber!...», pensou a velha rainha, mas não disse nada a ninguém.

Foi ao quarto que destinava à princesa, levantou toda a roupa da cama e pôs-lhe uma ervilha ao fundo. Por cima pôs-lhe vinte colchões e mais vinte acolchoados de penas, mandando deitar a princesa sobre tudo isto.

De manhã foi ter com ela e perguntou-lhe se dormira bem:

— Mal, muito mal! — respondeu a princesa — Não preguei olho em toda a noite! Sabe Deus o que havia nesta cama! Decerto era alguma coisa muito dura, porque tenho o corpo cheio de nódoas negras. Foi uma coisa terrível!

Então a rainha foi declarar ao príncipe que era realmente uma princesa verdadeira, porque em cima de vinte colchões e de vinte acolchoados de penas sentia a ervilha que lá pusera para a experimentar. Só uma princesa verdadeira podia ter uma pele tão sensível.

O príncipe ficou muito satisfeito, porque tinha a certeza de ter encontrado, finalmente, uma princesa verdadeira. A ervilha foi levada para o museu, onde ainda se pode ver, se ninguém a tiver roubado.

Olhem que isto foi uma verdadeira história.

## O FUZIL

Era uma vez um soldado que marchava a passo cadenciado — um, dois! um, dois! — e que levava a mochila às costas e o sabre à cintura, pois regressava da guerra. E encontrou uma bruxa velha e feia, de beijo tão comprido que lhe chegava ao peito.

— Boa tarde, soldado — disse ela. — Tens uma grande mochila e uma linda espada: bem se vê que és militar. Hás-de ter todo o dinheiro que quiseres.

— Obrigado, feiticeira — respondeu ele.

— Estás a ver aquela árvore enorme? — continuou a bruxa, indicando-lhe uma que estava próxima. É inteiramente oca. Sobe ao ramo mais alto, e verás um buraco por onde podes descer até às raízes. Vou-te amarrar uma corda em volta da cintura, para que subas por mim.

— E que faço lá dentro da árvore?

— Irás buscar dinheiro. Fica sabendo que, uma vez em baixo, estarás num corredor imenso e muito claro, onde ardem velas. Há três portas, que podes abrir, porque as chaves estão na fechadura. Se entrares na primeira sala, verás no meio dela uma arca muito grande, com um cão sentado em cima: tem olhos do tamanho de xícaras de chá, mas não te assustes. Levas o meu avental, que estendes no chão e pões o cão dentro dele. Depois abres a arca e tiras de lá tantas moedas de cobre quantas te ape-

tecer. Se preferes prata, vai à sala contígua. Aí verás outro cão, de olhos tão grandes como as mós dos moinhos. Mas não te importes, põe o bicho dentro do meu avental e tira o dinheiro que quiseres. Se gostas mais de ouro, poderás fartar-te dele: basta que vás à terceira sala. O pior é que o cão desta última tem os olhos do tamanho de uma torre. É um animal de verdade, mas não te rales: mete-o no avental e vê-lo-ás ficar sossegadinho. Tira então do baú o ouro que for da tua vontade.

— Não é má ideia — retorquiu o soldado. — Mas qual será a tua paga, feiticeira? Com certeza que hás-de ficar com qualquer coisa.

— Não, não quero nem um ceitil. Só desejo que me tragas um fuzil e a respectiva isca. A minha avó deixou-o lá ficar da última vez que desceu pela árvore.

— Está muito bem. Ata-me então a corda à cintura.

— Aqui tens, assim como o avental de quadrinhos azuis.

E o soldado, trepando a árvore, deixou-se escorregar pelo buraco até se encontrar numa galeria iluminada por centenas de velas.

Abriu a primeira porta. Oh, lá estava sentado o cão, que o fitava com os seus olhos do tamanho de xícaras de chá!

— Bem sei que não fazes mal — disse o soldado. Pô-lo no avental e encheu de moedas de cobre as algibeiras, até não poder mais. Em seguida fechou o baú, tornou a pôr o cão no seu lugar e dirigiu-se para a segunda sala. Lá estava o cão de olhos tão grandes como as mós dos moinhos!

— Não me olhes dessa maneira, que estragas a vista — observou o militar. E pôs o bicho no avental da feiticeira.

Quando abriu a arca e viu a quantidade de prata que ali havia, desfez-se logo das moedas de cobre e voltou a encher os bolsos, mas só com as de prata, que meteu também na mochila. E então passou à terceira sala.

Oh, que horror! O cão, aí, tinha realmente os olhos como torres de castelos, os quais rolavam nas órbitas, tal se fossem rodas.

— Ora viva! — exclamou o soldado, fazendo a continência, pois nunca vira um animal como aquele. Mas, depois de o ter contemplado uns instantes, achou que era tempo de se despachar: colocou o cão no avental e abriu a arca. Céus! Que quantidade de ouro! Podia com isso comprar a cidade de Copenhaga inteirinha, e todos os doces das confeitarias, e os soldados de chumbo, chicotes e cavalos de baloiço que há no mundo. Que riqueza enorme!

Então, à pressa, despejou no chão as moedas de prata com que antes enchera as algibeiras e a mochila, e substituiu-as por outras de ouro. E ficou tão pesado que mal podia andar, pois até as havia metido no barrete e nas botas! Estava rico, sim senhor! Repôs o cão sobre a arca, fechou a porta e gritou já no tronco da árvore:

— Puxa, feiticeira!

— Trazes o fuzil?

— Ah, ia-me esquecendo! — E o soldado voltou atrás para o ir buscar.

Por fim, a bruxa puxou-o, e ele viu-se outra vez na estrada, com bolsos, botas, mochila e barrete a abarrotarem de ouro.

— Que tencionas fazer com a isca e o fuzil? — indagou da velha.

— É assunto que não te diz respeito — volveu ela. — Fica com o dinheiro e dá-me o fuzil.

— Ora, ora... Ou me declaras já para que queres isto ou eu arranco da espada e corto-te a cabeça.

— Não digo! — repetiu a bruxa.

Então o soldado cortou-lhe a cabeça, e a velha caiu morta no chão. Ele seguidamente pôs todo o dinheiro no avental, com que fez uma trouxa, lançou-a às costas, guardou o fuzil no bolso e foi direito para a cidade.

Era uma cidade bem bonita. O militar hospedou-se na melhor pousada, pediu um quarto dos mais caros e encomendou uma refeição principesca. Não precisava de fazer economias.

O criado que lhe engraxou as botas, é claro que as achou muito sujas e velhas. Mas quê! Ele ainda não tivera tempo de